

Estudar para quê? A (des)valorização do ensino médio na fala de três gerações

Studying for what? The (de)valuation of high school in the speech of three generations

Rosa Maria da Exaltação Coutrim¹, Fernanda Moreira Ferreira², Elodia Honse Lebourg³

Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP, Ouro Preto-MG, Brasil

Resumo

Este artigo é fruto de uma pesquisa realizada em Mariana, uma cidade do interior de Minas Gerais, Brasil, e que teve como principal proposta investigar as representações da escola feitas por três gerações na mesma família, ou seja, avós, pais e netos. Por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa, foram aplicados questionários a 96 jovens concluintes do Ensino Médio, de ambos os sexos, de duas escolas públicas da cidade e que convivem com os pais e os avós. Também foram ouvidos cinco pais e cinco avós de alunos selecionados a partir do questionário, com o objetivo de conhecer as mudanças ocorridas ao longo do tempo nas relações geracionais e nas expectativas profissionais e de formação do jovem. Observou-se, entre outras coisas, que a escola é uma instituição valorizada pela família, principalmente, porque é vista como um meio eficaz para se conseguir um bom emprego, embora haja divergências na visão do papel da escola entre diferentes gerações da mesma família. Para a geração dos pais, o foco está no indivíduo, isto é, o sucesso escolar e profissional é considerado mérito do estudante, que precisa ter interesse e determinação para realizar seus objetivos. Para os avós, a escola é o centro da Educação e a grande responsável pelo desempenho de um aluno na sua vida escolar e também profissional.

Palavras-chave: Relação família e escola. Gerações. Ensino médio.

Abstract

As the result of a research done in Mariana, a town in Minas Gerais, Brazil, we investigated the representations of school made by three generations of the same family, i.e., grandparents, parents and grandchildren. Based on a qualitative study, questionnaires were filled in by ninety-six students graduating from high school, from both sexes, in two public schools of Mariana, who live with their parents and grandparents. Five students' parents and grandparents were selected based on the questionnaire analysis about generational relationships, in order to know the changes throughout the years in the relationship, professional and training expectations for the young people. Among other things, it was observed that school is an institution valued by the family, mainly because it is seen as an effective way to get a good job, although there are differences on the view of the school role between different generations of the same family. Parents consider that the focus is on the individual, i.e., the scholar's and professional success are considered merit of the student, who must have interest and determination to accomplish their goals. Grandparents consider school the center of education and the largest responsible for the performance of a student in their scholar and professional life.

Keywords: Family-school relationship. Generations. High school.

1 Doutorado em Ciências Humanas - Sociologia e Política pela UFMG. Professora adjunta do Departamento de Educação e da Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: rosacoutrim@ichs.ufop.br

2 Licenciada e Bacharelada em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto, Pós-graduanda em Linguagem, Tecnologia e Ensino, pela UFMG. E-mail: fernandamferreira@live.com

3 Historiadora, Mestra em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: ehlebourg@yahoo.com.br

Introdução

Ao longo dos anos, é possível observar diversas mudanças nas relações intergeracionais e, conseqüentemente, na forma como as gerações mais velhas interferem na vida e nas escolhas dos mais jovens. Influenciadas pelas transformações sociais, econômicas e históricas pelas quais as sociedades contemporâneas vêm passando, as relações intergeracionais impactam direta e indiretamente na vida dos jovens, tanto na sua rede de socialização, como em suas escolhas acadêmicas e profissionais. Assim como o relacionamento com pessoas adultas e idosas, como pais, tios, avós, professores e etc., interfere nos projetos de vida dos jovens, a escola também se constitui em um agente capaz de oferecer escolhas e possibilidades para o futuro profissional.

No entendimento de Feixa e Leccardi (2010), a partir do momento no qual tempo biográfico e o tempo histórico se sincronizam, cria-se, em termos sociológicos, a noção de geração. Isso significa, na prática, que, em um mesmo período cronológico, grupos etários diferentes vivenciam tempos interiores diferentes. Para Mannheim (1964 *apud* WELLER, 2007), o termo geração se relaciona à posição comum daqueles nascidos em um mesmo tempo cronológico dada pela possibilidade de presenciarem fatos semelhantes ou de vivenciarem experiências similares. Ainda segundo a autora, Mannheim chama a atenção para o fato de a unidade de uma geração não consistir em uma adesão voltada para a criação de grupos concretos, preocupados em constituir uma coesão social, ainda que, ocasionalmente, algumas unidades geracionais possam vir a constituir grupos concretos, tais como os movimentos juvenis, entre os quais poderíamos citar o movimento estudantil de 1968.⁴

Considerar os olhares das diferentes gerações sobre a escola e a sua importância para a formação do jovem é relevante para os debates contemporâneos sobre juventude e fundamental para este estudo, que propôs escutar sujeitos pertencentes a núcleos familiares comuns, porém de gerações diferentes (avós, pais e filhos), acerca de suas expectativas sobre o papel da escola no Ensino Médio para a formação dos jovens.

A discussão a respeito das disposições familiares⁵, considerando as especificidades geracionais, ainda está em aberto, porém se sabe que as relações de poder entre as diferentes gerações no grupo familiar não são imutáveis. Tais relações são diretamente influenciadas, entre outros, pela convivência entre os membros do grupo e pela mobilização da família e dos jovens na realização de seus projetos para o futuro profissional.

As famílias, nas últimas décadas, têm experimentado maior negociação entre seus membros, e grupos que, até pouco tempo atrás, tinham pouco poder de decisão, têm sido empoderados (BARROS, 2006; SINGLY, 2007). Este é o caso das crianças, dos idosos e das mulheres, que não apenas são mais ouvidos, como interferem diretamente nas decisões familiares. As opiniões dos jovens também

4 Domingues (2002) afirma que o conceito de gerações em Mannheim não é estático, mas sim aberto para a manifestação da subjetividade. Segundo o autor... "As gerações têm-se subdividido em classes, gêneros e raças desde sempre. Contudo, a pluralização dos estilos de vida, a multiplicação de "tribos" e grupos com sobretudo distintas sensibilidades e preferências estéticas, mas por vezes igualmente com comportamentos diferenciados, agudiza a heterogeneidade dessas subjetividades coletivas" (2002, p. 69).

5 O conceito de disposições familiares utilizado nesse texto está baseado em Bourdieu e Passeron (1975) e diz respeito aos modos de crer, agir, pensar e sentir, elaborados e transmitidos consciente e/ou inconscientemente no interior do ambiente familiar.

tendem a ser mais consideradas nas decisões familiares e, sobre eles, têm sido depositadas esperanças e expectativas de um futuro profissional de sucesso.

De acordo com Lahire (2007), a Sociologia ainda tem muito a conhecer sobre a infância e a juventude, em uma atualidade caracterizada por múltiplas socializações, com influências conjuntas e contraditórias da família, dos grupos de pares e também da escola. Consequentemente, no atual contexto social de flexibilização de capital e de laços culturais, valores e expectativas dos mais velhos já não se constituem mais como orientação de vida para os jovens, embora influenciem direta e indiretamente na troca de experiências.

Este artigo traz os resultados de uma investigação com 96 jovens que, na época da pesquisa, cursaram o Ensino Médio em escolas públicas de Mariana-MG, bem como com seus pais e avós, sobre as perspectivas profissionais para o futuro dos jovens. Para se conhecer melhor os fatores que influenciam nas escolhas e nos planos de futuro de rapazes e moças de camadas populares, refletiu-se sobre o papel da escola e sobre a importância do Ensino Médio na vida desses jovens e de seus familiares.

Vivendo a juventude nas décadas de 1950 a 1980, a maioria dos pais e avós daqueles que concluíram ou estão concluindo o Ensino Médio atualmente teve experiências de vida marcadas por estruturas escolares e configurações de mercado de trabalho bastante distintos dos atuais. Além disso, as diferentes gerações também sofreram e ainda sofrem a influência direta dos valores e da configuração familiar predominante em cada período histórico.

Partindo do pressuposto de que tais influências marcam os padrões de cobrança e exigência de uma geração para outra, nesta pesquisa, foram levantadas algumas questões norteadoras do estudo, como: quais as representações dos pais e avós a respeito do papel da escola na formação do jovem? Quais as expectativas da família em relação ao futuro desse jovem? As gerações mais velhas (avós e pais) atuam da mesma maneira na formação desses rapazes e moças? Assim, para orientar a investigação foi traçado o objetivo geral de analisar as diferentes expectativas das três gerações em estudo quanto ao papel da escola na formação escolar desses jovens.

Algumas das características da cidade e de sua população tornaram esta pesquisa relevante. A cidade de Mariana possui, hoje, pouco mais de 58 mil habitantes (IBGE, 2014). Situada no interior de Minas Gerais, mas distante somente 145 quilômetros da capital do Estado, o acesso à cidade é facilitado pelas opções de transporte terrestre. Conta com dois *campi* de universidade pública federal e diversos cursos de graduação oferecidos por universidades privadas (presenciais e a distância). Embora os jovens sujeitos da pesquisa tenham fácil acesso à escola, o mesmo não aconteceu com seus pais e avós, provenientes, na quase totalidade dos casos analisados, de áreas rurais.

A construção da investigação

A pesquisa teve como base a abordagem qualitativa, utilizando-se das metodologias descritiva e exploratória. O trabalho de campo foi realizado em duas escolas estaduais de Mariana e o critério de seleção se deu, principalmente, pela localização das instituições, uma mais central e outra em um bairro periférico, o que confere uma diversificação social e econômica maior aos sujeitos investigados. De cada escola foram escolhidas, de forma não aleatória, duas salas de aula do 3º

ano do Ensino Médio nos turnos oferecidos pelas instituições (matutino e noturno), totalizando quatro turmas investigadas⁶.

Os critérios para a participação dos estudantes na pesquisa foram a maior proximidade entre as três gerações (se conviviam com os avós e pais) e a percepção de maior conflito intergeracional em torno dos estudos. Foram aplicados questionários a todos os estudantes que atenderam a tais critérios, independentemente de gênero, raça e situação no mercado de trabalho. No total, foram selecionados 96 estudantes, sendo que 47 frequentavam o turno matutino e 49 o turno noturno. Os questionários foram autoaplicados nas salas de aula e, após a tabulação dos mesmos por meio do programa IBM-SPSS, foram escolhidas cinco famílias para a entrevista nas quais avós, pais e netos tivessem maior convivência.

As entrevistas foram realizadas com os avós (avó e/ou avô) e pais (pai e/ou mãe) nas residências dos alunos. Os depoimentos foram gravados e foram anotadas as observações feitas pelas pesquisadoras a respeito da condição de moradia, situação socioeconômica da família, número de pessoas no domicílio e etc. Posteriormente à gravação, os depoimentos foram transcritos e disponibilizados para a análise.

Todos os estudantes e seus familiares assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto.

Família e escola: instituições em processo de mudança

A queda da qualidade do ensino oferecido pela escola pública não é um consenso entre os pesquisadores, que defendem a necessidade de se considerar três instâncias que sofreram modificações radicais nas últimas quatro décadas: a família, a política e a escola (RICCI, 2003; CARVALHO, 2004). Esses autores indicaram as mudanças sociais que influenciaram decisivamente na formação de crianças e jovens e, entre estes principais elementos, estão as relações de poder, de classe, de raça e de gênero.

É possível admitir que tais mudanças contribuíram, inclusive, para o prolongamento da condição juvenil nos últimos anos em função da combinação de dois fatores, o maior tempo de permanência na escola e a dificuldade de ingresso no mercado de trabalho, o que acaba resultando no adiamento da obtenção de independência econômica com relação à casa dos pais (KRAUSKOPF, 2010). Assim, até os anos 1970, a inserção no mercado de trabalho constituía-se como marco para a autossuficiência financeira e, portanto, como símbolo da independência familiar. Baseados em Arnett (2006), Brandão, Saraiva e Matos (2012, p. 301) ressaltam o prolongamento das idades e a ausência dos ritos de passagem tão fortemente demarcados até os fins do século XX na sociedade industrial.

Há 40 anos, um jovem de 22 ou 23 anos esperava tornar-se adulto, assumindo como ponto de referência o casamento, a paternidade e a obtenção de um emprego estável. Actualmente, pela desinstitucionalização dos marcadores sociais que definiam os modos de transição entre as etapas de vida, os indivíduos têm que assumir a responsabilidade de construir significado para a sua trajetória de vida.

O modelo de escola, voltado para a profissionalização, refletia essa transição

6 Devido à heterogeneidade do perfil etário dos estudantes de EJA (Educação de Jovens e Adultos), optou-se por não incluir este grupo na amostra.

clara entre a infância e a vida adulta, demarcada pelo trabalho. Contudo, nos dias atuais, essa conquista na vida do jovem não tem sido mais acompanhada da saída da casa dos pais, nem pela experiência do primeiro emprego, e as famílias, por sua vez, se encontram em situações bastante diversas dos anos 1970. Segundo Singly (2007, p. 170):

A família não desaparece, mas muda de sentido. Em lugar de se impor aos seus membros, a família se torna de alguma maneira um serviço que pode ser colocado à disposição dos indivíduos, preocupados em viver juntos.

Contribuem decisivamente para essa “mudança de sentido”, apontada por Singly (2007) no excerto acima, as alterações na situação da mulher que, até os anos 1970, assumia quase exclusivamente os afazeres da casa e a responsabilidade pela educação dos filhos. As famílias constituíam-se, portanto, como os principais agentes de socialização da criança, e não dividiam tal responsabilidade com a escola antes dos filhos completarem, no mínimo, sete anos.

Nota-se que as mudanças recentes na configuração familiar e as alterações das relações de poder na escola e na família são elementos fundamentais para a compreensão do universo que permeia a vida dos jovens e a relação entre família e escola nas últimas décadas. Ao investigar a construção desse universo, Nogueira, Romanelli e Zago (2003, 2013) oferecem aspectos para reflexão e análise sobre o funcionamento do sistema escolar, privilegiando o ponto de vista da sua abordagem da família como instituição indissociada do seu meio social e de sua comunidade. Segundo os autores, há uma difícil sintonia no que tange aos valores e objetivos de cada uma dessas instituições.

Paro (2000, p. 16), em seu estudo sobre o papel da família no desenvolvimento escolar de alunos do Ensino Fundamental, caminha no mesmo sentido de Nogueira, Romanelli e Zago (2003), quando afirma que o distanciamento entre escola e família não deveria ser tão grande, porém isso é inevitável, uma vez que a escola não “assimilou quase nada de todo o progresso da Psicologia da Educação e da Didática, utilizando métodos de ensino muito próximos e idênticos aos do senso comum predominantes nas relações familiares”. Assim, ressaltando o anacronismo do sistema escolar, o autor remete-se ao fato de que a atual escola dos filhos é bastante parecida com a escola que os pais frequentaram, porém, a distância é acentuada quando se trata de anos de escolaridade.

Tal situação é diferente em relação aos avós, pois estes sentem o enorme salto entre o sistema educacional do tempo em que estudaram para o de hoje, tanto em relação aos conteúdos das matérias como à estrutura escolar, como às disciplinas. Tal distância temporal e de recursos didáticos interferem, em muitos casos, na relação entre os jovens e as gerações ascendentes, que frequentaram a escola por menos tempo e que apreenderam diferentes conteúdos. Embora o professor admita a necessidade da participação dos pais na escola, não sabe bem como encaminhá-la, como discutido por Lahire (2007). Neste sentido, Paro (2000, p. 68) traz a seguinte argumentação sobre a comunicação entre professores e pais: “Parece haver, por um lado, uma incapacidade de compreensão por parte dos pais, daquilo que é transmitido na escola; por outro lado, uma falta de habilidade dos professores para promoverem essa comunicação”. Consequentemente, os casos de baixo desempenho, evasão e reprovação são imputados única e exclusivamente à falta

de empenho do aluno e de compromisso da família com a educação das crianças e jovens.

A escola, enquanto instituição, é permeável às transformações que as famílias e a sociedade em geral estão passando. Ela necessita compreender que é fundamental, para o diálogo com os alunos, seus familiares e a comunidade, considerar o capital econômico e o capital cultural⁷ presentes nas famílias de seus alunos, bem como a escolarização dos pais, o bairro em que moram, as escolas em que estudam, a classe e os grupos que frequentam e, conseqüentemente, os amigos e colegas que possuem (LAHIRE, 2007).

Certamente, os jovens e as juventudes hoje, ainda não estão prontos e decididos a seguir um caminho, e a estrutura de mercado de trabalho que encontramos, na atualidade, é radicalmente diferente de três décadas atrás (MADEIRA, 2006), exigindo deles uma preparação que vai além do Ensino Básico, com conhecimentos específicos da área de atuação e o desenvolvimento de habilidades profissionais. Assim, em meio à sua busca de identidade, essa parcela da população sofre influência das gerações precedentes, mas é impelida a buscar seu futuro profissional a partir de outras fontes formativas e informativas. Assim sendo, é importante considerar que, mesmo sujeitos às disposições familiares e sendo a família um lugar privilegiado para a construção da autoimagem dos filhos, os jovens não se reduzem a tais influências (LAHIRE, 1997; SARTI, 2004), por isso, é fundamental considerá-los como parte ativa do seu próprio percurso.

Segundo Dayrell (2003, p. 42), para se conhecer melhor o jovem e seus projetos de futuro é importante que os estereótipos sobre a juventude como um “vir a ser”, ou mesmo como uma fase de crises e de hedonismo, sejam superados.

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta.

Dessa forma, Dayrell (2003) nos chama a atenção para a complexidade e para a necessidade da reflexão sobre as múltiplas influências e pressões sofridas por diferentes grupos de jovens.

Alguns achados da pesquisa

A partir da análise dos questionários e das entrevistas observou-se que a escola não é vista, pela maioria dos jovens, como responsável direta pela sua preparação para o mercado de trabalho. Assim sendo, 42,7% dos entrevistados acreditam que a escola é importante em suas vidas ao interferir na obtenção de um emprego melhor, mas 69,8% acham que a escola não prepara o aluno para o mercado de trabalho.

Tais resultados nos levam a fazer um questionamento quanto à possível desvalorização de um bem cultural tão cobiçado pelas camadas médias e por muitas famílias das camadas populares: o diploma. Estariam os jovens entrevistados sem esperança de alcançar a ascensão social por meio do diploma ou desencantados

7 Sobre os conceitos de capital cultural e capital econômico consultar Bourdieu (1998).

com o Ensino Médio? Tal questionamento foi se aprofundando ao se perguntar sobre as expectativas para o mercado de trabalho para o jovem.

Os questionários revelaram também que os alunos têm pouca confiança no mercado de trabalho. Assim, 77,1% dos respondentes alegaram que o mercado de trabalho, atualmente, está razoável ou ruim para o jovem e que a escola deveria, além de passar ensinamentos mais gerais para a vida, oferecer o ensino profissional. No entanto, a maioria afirma que esse papel não está sendo devidamente cumprido (74%). Nota-se que, mesmo não acreditando na escola como instituição que prepara para o mercado de trabalho, os estudantes percebem a influência do desempenho escolar individual no futuro profissional. Apesar de não confiarem plenamente na escola como importante instituição para a conquista de um bom emprego, a maioria (65%) afirmou que o desempenho do estudante é fundamental para sua inserção no mercado de trabalho, o que demonstra, conforme Bourdieu (1998), Lahire (2007) e Paro (2000), a autorresponsabilização do jovem pelo seu fracasso ou sucesso escolar e profissional.

Entre o total dos alunos investigados, 57 deles só estudam e, dos 63 que já trabalharam, 25 exerceram atividade remunerada por menos de um ano. Entre os que estão empregados atualmente, a maioria trabalha mais de 20 horas por semana.

Fazer um curso superior é a meta de muitos entrevistados e apenas 13,5% querem se inserir no mercado de trabalho assim que concluírem o Ensino Médio; 52% dos alunos pretendem fazer um curso universitário e 26% um curso técnico. O plano de continuar os estudos está diretamente ligado à motivação para a conquista de melhores empregos, pois os mesmos reconhecem que os onze anos de estudos investidos, no mínimo, para concluírem o Ensino Básico não serão suficientes para a melhor empregabilidade. Tal desejo da maioria, de fazer um curso superior, nos levou a refletir mais sobre as questões mencionadas acima, especialmente se o que estamos observando no campo de pesquisa é uma possível desvalorização do diploma ou um desencanto com o Ensino Médio. O que se percebe é que, diante do forte desejo de continuar estudando demonstrado pelos jovens, o diploma tem sido cada vez mais valorizado, mas há um descrédito do Ensino Médio enquanto nível de ensino capaz de possibilitar melhores empregos.

Na questão *O que te motiva a estudar?*, ampla maioria dos alunos (95,8%) respondeu a alternativa: *Estudo para ter um futuro melhor*. Este dado demonstra uma visão pragmática dos jovens em relação ao papel da escola e vai ao encontro da literatura de que a Educação é o investimento que representa, na sociedade capitalista, o aumento de produtividade do trabalhador e, conseqüentemente, maiores rendimentos (BARTALOTTI; MENEZES-FILHO, 2007).

Embora com baixa escolaridade (37,5% dos pais e 51% das mães têm somente o Ensino Fundamental completo), os pais acreditam na escola como uma instituição capaz de oferecer elementos necessários para a formação do jovem⁸. Os pais desejam que a escola, além de instruir seus filhos, os eduque no sentido mais amplo da palavra, isto é, que transmita valores morais, padrões de comportamento e princípios éticos. Tal crédito dado à escola fica claro no auxílio financeiro aos filhos nos estudos (66,7%), porém essa ajuda não se refere aos deveres escolares, pois a escolaridade dos mesmos não permite, mas chega por meio da compra de material escolar, de livros, etc.

8 A fala dos avós demonstra que eles também acreditam que o conhecimento oferecido pela escola é suficiente e adequado para formar o jovem para o mercado de trabalho e para a vida em sociedade.

Conforme esperado na pesquisa, quanto maior a distância entre as gerações, maior a diferença de escolarização. Por isso, 85,4% dos estudantes alegam que não recebem qualquer tipo de auxílio dos avós nos estudos. Quando isso ocorre, também é maior no âmbito financeiro do que acadêmico, uma vez que, em apenas dois casos, os avós auxiliam nos deveres e trabalhos escolares.

O esforço das famílias entrevistadas na educação dos filhos ficou claro, porém sabe-se que, nas camadas médias, tal mobilização ocorre de forma mais incisiva e direcionada. Segundo Bourdieu (1998), os filhos são encorajados a um esforço escolar e a ter um *ethos* de ascensão social e de aspiração ao êxito e à aquisição de cultura. Contudo, nota-se, na fala dos pais e principalmente dos filhos entrevistados, a percepção de que o acesso aos “bons empregos” não é para todos.

Quando questionados se havia conflito na família por causa dos estudos, a maioria dos jovens (83,3%) alegou que não. Nota-se que, mesmo considerando aqueles que trabalham durante o dia e que têm pouco tempo para estudar, há pouca discordância familiar a respeito do tempo dedicado aos estudos. A maioria (64%) afirma que encontra liberdade na família para falar sobre suas perspectivas de futuro. Contudo, mesmo que tenham maior diálogo com os pais e demais familiares, 61,5% dos entrevistados acreditam que é a posição econômica familiar que mais influencia diretamente nas expectativas e escolhas profissionais. A ausência de conflitos entre pais e filhos pode indicar que há um bom relacionamento familiar ou que os pais não têm conhecimento suficiente, nem escolar e nem do mercado de trabalho, para discordar das opções dos filhos, ou mesmo para dialogar sobre os futuros passos na escolarização. Além disso, o fato de mais da metade dos alunos afirmarem que a situação econômica das famílias influencia nas escolhas profissionais dos filhos nos leva a refletir sobre quão significativa é a incidência das disposições familiares e das relações intergeracionais nas expectativas e projetos de futuro dos jovens.

Nas entrevistas com os pais, foi possível perceber que todos, sem exceção, acreditam que a escola é essencial na vida dos filhos, e que o mercado de trabalho, atualmente, oferece mais oportunidades que no tempo que os pais e os avós entrevistados eram jovens, porém estes entrevistados também reconhecem que, hoje em dia, o mercado exige maior especialização e cada vez mais estudo. Os pais afirmam que a escola deveria preparar os alunos para o mercado de trabalho, mas reconhecem que isso não se efetiva e ainda acreditam, assim como seus filhos, que o comportamento e o desempenho dos alunos influenciam no futuro profissional destes. Todos os pais demonstram o desejo de que os filhos estudem mais, mas eles não têm clareza sobre o grau de estudo que lhes é possível. Significativo o fato de que somente uma das mães utilizou o termo faculdade/universidade durante a entrevista.

Os achados da pesquisa foram compreendidos à luz da literatura utilizada neste artigo. Paro (2000), Nogueira, Romanelli e Zago (2003) e Lahire (1997; 2007) apontam para o distanciamento entre o que é ensinado na escola e o mundo do aluno, o que resulta, entre outros, em uma falta de sentido imediato com a qual esses jovens se deparam durante a etapa de estudos. A escolarização aparece como a única alternativa para as famílias de camadas populares para a ascensão social, daí a sua valorização. Contudo, nota-se a falta de familiaridade dos pais com o mundo escolar (linguagem, exigências, cultura) e a dificuldade de transitar entre as diversas esferas de ensino, revelando a pouca bagagem cultural socialmente herdada (disposições)

e os componentes objetivos, externos ao indivíduo e que podem contribuir para o sucesso e a longevidade escolar (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2004).

Retomando as análises de Bourdieu (1998) e de Nogueira e Nogueira (2004), as famílias de camadas populares se dedicam à educação de seus filhos, contudo, esse esforço não é suficiente para que o jovem adquira as condições essenciais para obter a colocação almejada no mercado de trabalho e isso influencia, diretamente, em suas ambições para o futuro. Os estudantes têm claro que o Ensino Médio não oferece condições para se adquirir o emprego desejado e, por isso, o curso técnico ou universitário é o caminho apontado como alternativa.

No caso da geração dos avós, a percepção da distância entre o mercado de trabalho e o diploma oferecido pelo Ensino Médio é menor ainda. A partir da transcrição da fala dos avós, percebe-se que todos também valorizam a escola, acham que ela está melhor hoje em dia do que na época em que estudaram. Assim como os pais dos jovens entrevistados, eles reconhecem que houve uma melhora no mercado de trabalho em relação às oportunidades oferecidas, porém poucos percebem as novas exigências. Os mais velhos também acreditam que a escola deveria preparar os jovens para o mercado de trabalho e que o desempenho e comportamento dos alunos influenciam no futuro profissional destes, contudo, sua familiaridade com o ambiente escolar é menor ainda que dos pais e, com isso, não conseguem perceber com clareza qual o futuro desejado (e possível) pelos netos.

Pode-se apreender, a partir desses dados trazidos pelos questionários e entrevistas, que a escola ainda é uma instituição valorizada pelas três gerações, principalmente porque é interpretada como o principal meio para obter um bom emprego e um “futuro melhor”. Porém, os jovens apresentaram uma visão mais pessimista que as gerações anteriores. Para 74% dos alunos entrevistados, a escola deveria transmitir conhecimentos gerais para a vida e oferecer o ensino profissional. Na opinião deles, a escola não cumpre seu papel e, conseqüentemente, não os prepara para o mercado de trabalho, mas defendem que a postura do aluno interfere neste processo, isto é, o desempenho escolar influi no futuro profissional. Eles também não estão confiantes com relação ao mercado de trabalho, a maioria dos alunos alega que esse mercado está razoável ou ruim, o que contraria a fala dos pais e avós de que o mercado de trabalho se encontra muito bom e promissor, por apresentar diversas oportunidades de trabalho para as novas gerações.

Tal ceticismo dos jovens com relação à escola também se reflete nos planos que fazem para o futuro. Os estudantes estão em busca de maior especialização, pois reconhecem que o Ensino Médio não garantirá melhor colocação no mercado de trabalho, que está cada vez mais exigente. Dessa forma, cada vez mais jovens têm estudado com a finalidade exclusiva de se preparar para conseguir um bom emprego ou, no caso daqueles que já trabalham, de obter uma colocação profissional melhor (CHARLOT, 2002). Esses dados nos trazem o desencanto de uma geração em relação ao aprendizado proporcionado pelo Ensino Médio que, assim como apontado pelos autores referenciados neste artigo, não tem se aproximado da realidade do aluno e não tem cumprido sua proposta de formar indivíduos com conhecimentos importantes para a vida adulta ou mesmo de prepará-los para o mercado de trabalho.

Considerações finais

Após a leitura dos dados dos questionários aplicados aos alunos do 3º ano do Ensino Médio e das entrevistas realizadas com as famílias, nota-se que a relação família e escola traz nuances que podem ser exploradas por diversos ângulos e matrizes de análise. Assim como mostra Cunha (2003), a família é a instituição que credita à escola a responsabilidade por instruir e educar seus filhos, enquanto a escola espera que os pais compreendam e compartilhem com o trabalho dela.

Dessa maneira, embora não acreditem que a escola está cumprindo seu papel de forma adequada, os jovens das escolas públicas investigadas sentem a angústia de terem seus diplomas desvalorizados e de terem que se esforçar cada vez mais para conquistar maior nível de instrução. Trazem para si a responsabilidade do bom desempenho escolar, pois acreditam que o esforço pessoal lhes garantirá vantagens. Contudo, com o mercado de trabalho seletivo, onze anos de estudos estão longe de garantir uma profissão que traga o conforto e a realização profissional que desejam.

Reconhece-se, assim, que a escolarização tem sido percebida como condicionante do futuro profissional, ou seja, concluir o Ensino Médio representa o crescimento dessas oportunidades. A possibilidade de ingresso no mercado de trabalho e o êxito profissional ainda estão intimamente relacionados ao sucesso escolar. Assim, é importante observar o peso que as instituições escolares têm sobre os sujeitos: o modo como estes se organizam frente aos planos de futuro, como compartilham experiências e trajetórias com seus pares, a maneira como traçam o seu destino, mesmo a despeito de todas as adversidades com que, muitas vezes, se deparam. A literatura trazida neste artigo nos mostra que essa mobilização de várias gerações das famílias de baixa renda em prol da escolarização dos jovens traz, ao mesmo tempo, expectativa e desencanto com a escola, devido à desvalorização do diploma no mercado de trabalho. Trata-se de uma corrida desigual, na qual as camadas populares saem em desvantagem. Sem a familiaridade com a cultura escolar, os pais e os avós dos jovens investigados pouco compreendem do jogo do mercado e do processo de escolarização e, talvez por isso, se mantenham otimistas.

Ao optarmos por ouvir três gerações na família pudemos observar que o crédito atribuído à escola se modifica de geração em geração. Os avós têm pouca percepção dos obstáculos que o mercado de trabalho atual traz para o jovem de baixa renda e da desigualdade de oportunidades neste mercado. Centrados na estrutura e na possibilidade de acesso à escola nos dias atuais, eles acreditam que a qualidade da Educação de hoje melhorou muito em relação ao passado. A percepção aumenta na geração dos pais, porém estes ainda não se dão conta do papel da universidade ou de cursos de especialização enquanto níveis de escolaridade (in)acessíveis para sua camada social. O desencanto maior com a escola é do jovem, que, com poucas disposições familiares, compreende a lógica do mercado melhor que as gerações anteriores, reconhecendo a necessidade do grande esforço pessoal e familiar para conseguir atingir seus objetivos profissionais.

Mesmo reconhecendo que a escola não cumpre bem sua função, há uma mobilização das famílias em prol do processo de escolarização. A pesquisa mostrou que existe proximidade entre pais e filhos no diálogo sobre os planos para o futuro, contudo, não foi possível perceber em que nível se dá esse diálogo e se, realmente, os pais compreendem as dificuldades e dilemas vividos pelos filhos no processo de escolha (ainda que limitada) do seu futuro profissional.

Concluindo, esperamos que estudos como este possam auxiliar outras pesquisas sobre o papel do Ensino Médio na vida de jovens de camadas populares, bem como o modo de socialização dos jovens e como estes lidam com as expectativas que as gerações pregressas depositam sobre seu futuro. De outra parte, é interessante continuar observando o crescente peso que as instituições escolares foram assumindo, ao longo dos anos, sobre os sujeitos a partir do modo como estes se organizam em relação ao futuro, como compartilham experiências e trajetórias e etc., mesmo a despeito de todas as adversidades com que, muitas vezes, se deparam.

Agradecimentos: CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto).

Referências

- ARNETT, Jeffrey J. Emerging adulthood: understanding the new way of coming of age. In: ARNETT, J. J.; TANNER, J. L. (Eds.). **Emerging adults in America: coming of age in the 21st century**. Washington, DC: American Psychological Association, 2006, p. 3-19.
- BARROS, Myriam M. L. Reciprocidade e fluxos culturais entre gerações. In: **Congresso Internacional Co-Educação de Gerações**, out. 2003, SESC/São Paulo. Disponível em: <http://www.sesc.org.sp.br/conferencias>. Acesso em: 06/03/2015.
- BARTALOTTI, Otávio; MENEZES-FILHO, Naércio. A relação entre o desempenho da carreira no mercado de trabalho e a escola profissional dos jovens. **Econ. Aplic.**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 4, o. 487-505, out./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eoa/v11n4/02.pdf>. Acesso em: 20/08/2012.
- BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. Trad. Reynaldo Bairão. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos em educação**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 71-81.
- BRANDÃO, Tânia; SARAIVA, Luísa; MATOS, Paula Mena. O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: especificidades do contexto português e brasileiro. **Revista Análise Psicológica**, v. 30, n. 3, p. 301-313, 2012.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Modos de educação, gênero e relação escola-família. **Revista Brasileira de Educação**, v. 34, n. 121, p. 41-58, jan./abr. 2004.
- CHARLOT, Bernard. Relação com a escola e o saber nos bairros populares. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. Especial, p. 17-34, jul./dez. 2002.
- CUNHA, Marcus Vinicius da. A escola contra a família. In: LOPES, Elaine; FARIA FILHO, Luciano; VEIGA, Cinthya (Orgs.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 447-468.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, 2003, p. 40-52, Set/Out/Nov/Dez 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04>. Acesso em: 12/09/2015.
- DOMINGUES, José M. Gerações, Modernidade e Subjetividade Coletiva. **Revista Tempo Social**. São Paulo, v.14, n. 1, p.67-89, mai/2002.
- FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 185-204, ago./2010.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2014. **Cidades**: Mariana, MG. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=314000> (Acesso em: 20/09/2014.)
- KRAUSKOPF, Dina. La condición juvenil contemporánea em la constitución identitaria. **Última Década**, CIDPA Valparaíso, n. 33, p. 27-42, diciembre, 2010.
- LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.
- LAHIRE, Bernard. Infancia y adolescencia: de los tiempos de socialización sometidos a constricciones multiples. **Revista de Antropología Social**, n. 16, p. 21-38, 2007.
- MADEIRA, Felícia R. Educação e desigualdade no tempo de juventude. In: CAMARANO, Ana A. (Org.). **Transi-**

ção para a vida adulta ou vida adulta em transição? Rio de Janeiro: IPEA, 2006, p. 139-169.

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Família e escola:** trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2003.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. M. **Bourdieu e a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PARO, Vítor H. **Qualidade do ensino:** a contribuição dos pais. São Paulo: Xamã, 2000.

RICCI, Rudá. Vinte anos de Educação Básica. **Revista Ibero-Americana de Educación**, n. 31, p. 91-120, jan./abr., 2003.

ROMANELLI, Geraldo; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Família e escola:** novas perspectivas de análise. Petrópolis: Vozes, 2013.

SARTI, Cynthia Andersen. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e sociedade:** trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 115-129.

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea.** Tradução de Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

WELLER, Wivian. Karl Mannheim: um pioneiro da sociologia da juventude. XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Família e escola:** trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 17-43.